

# TEATRO DE BOLSO

1232

RUBEM BRAGA

O Teatrinho de Bolso, da praça general Osorio, tem menos de 200 lugares; mas encanta pelo seu gosto. Deste a arquitetura de Lauro Lessa, que foi o corajoso que o fez, até a pintura de Ernani Vasconcelos, o desenho de Aldari Toledo e o programa de Carlos Thiré — tudo ali tem a harmonia simples das coisas do espirito. Desculpem se isso que escrevo tem um certo ar de publicidade; mas o teatrinho é tão pequeno que não comporta um minimo eficiente de anuncio pago.

Fui lá ver "A necessidade de ser poligamo", agora que Silveira Sampaio, voltando de São Paulo coberto de glorias, reassumiu o seu papel de Petunio. Autor, ator e diretor — e mais algumas coisas de quebra — Silveira Sampaio é, na realidade, com seu teatro, um saboroso cronista da vida carioca moderna. Esse medico de crianças que se meteu em teatro e cinema ("Uma aventura aos 40") tem uma facilidade rarissima para fazer graça e para fazer pensar.

Apelará, às vezes, para alguns recursos facéis ou "manjados", e outras vezes tentará, sem segurança, inovações que não pegam em cheio, o que tudo junto dá à sua peça uma certa falta de ritmo — mas o espirito salva tudo. Há quase um abuso de meios, que chega a ser um milagre de inteligencia diante de tão poucos personagens, um só cenario vulgar e um enredo quase previsivel. A bossa milionaria de Sampaio funciona às vezes com aqueles golpes de luz que ele usa para movimentar certas cenas. Isso faz com que a peça seja de certo modo desentoadada — o fim, por exemplo, é uma surpresa, mas tambem não me parece justo pedir equilibrio a um teatro que reflete a vida moderna, ela mesma tão brusca em suas transições da palhacada para o drama.

Mas é importante que saindo do teatro, depois de rir muito, ninguem tenha a impressão de vazio. Fica alguma coisa. Fica a lembrança engraçada de muitas passagens — e fica um sentimento geral de tristeza, porque tudo gira em torno do amor, e já fazem muitos anos que o poeta Manuel Bandeira avisou que isso de amor, no fundo; "é triste, e dói mais que tudo".

Silveira Sampaio não faz moral nem sequer nos propõe soluções (andar de patins, afinal não resolve); apenas faz uma caricatura do que anda por aí, e faz isso com muita graça e agudeza.

Seu Petunio é uma flor de nosso meio carioca (Petunio, assim como é, só podia acontecer no Rio) e afinal, sob toda sua petulancia é um pobre diabo como qualquer de nós, perplexo perante a vida.

Voltar aos patins da infancia ou murmurar "Rosebud" como o pobre Cidadão Kane é uma fuga que cada um faz às vezes a seu jeito. Mas é preciso regressar à vida, esse "ballet" de musica tão ruim tocado por uns bebados.

Ar "O Carterio do Res."  
29/5/49

28.5.49